

CORONAVÍRUS

Farmácias poderiam ajudar a garantir vacinação “urgente do maior número de pessoas”, diz ex-presidente do Infarmed

Hélder Mota-Filipe diz que os farmacêuticos “devem fazer parte da solução”.

Lusa

19 de Junho de 2021, 10:08



Hélder Mota-Filipe DR

O ex-presidente do Infarmed Hélder Mota-Filipe considera que o mais importante para travar a pandemia é garantir a rápida [vacinação \(https://www.publico.pt/interactivo/vacina-covid-19\)](https://www.publico.pt/interactivo/vacina-covid-19) do maior número de pessoas no menor espaço de tempo e que é preciso não descartar a capacidade das farmácias.

“É um aspecto importante. Não é de descartar, por princípio, e os farmacêuticos estarão com certeza preparados para entrar no processo”, diz à Lusa Hélder Mota-Filipe (<https://www.publico.pt/2019/02/17/sociedade/entrevista/3-perguntas-helder-mota-filipe-1861739>), sublinhando: “Os farmacêuticos não fazem questão de estar envolvidos só por estarem envolvidos e, portanto, devem ser parte da solução”.

Sobre o crescente número de infecções na região de Lisboa (<https://www.publico.pt/2021/06/18/sociedade/noticia/variante-delta-devera-dominante-portugal-proximas-semanas-1967101>), o professor da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa afirma que, neste momento, se vive “uma situação ainda mal caracterizada”.

“O que é mais importante é garantir a vacinação (<https://www.publico.pt/2021/06/17/sociedade/noticia/graca-freitas-portugal-cuidado-extremo-vacinacao-1966969>) rápida e urgente do maior número de pessoas e para garantir essa vacinação é preciso duas coisas: primeiro, as vacinas, o que parece neste momento já não ser um problema (...). Depois, usar toda a capacidade instalada no sentido de garantir o maior número de pessoas vacinadas no menor espaço de tempo”, defende.

Questionado sobre esta matéria, Hélder Mota-Filipe afirma: “Sinto que desde o princípio que há uma dificuldade, não digo de organização, mas de passar a mensagem sobre o que está a ser organizado e, portanto, é importante para a preparação das farmácias”.

“É preciso que os farmacêuticos saibam qual é o papel que lhes está destinado e quando e que isto não seja de um momento para o outro”, acrescenta.

Sobre o facto de a faixa etária dos novos casos e dos internados ser agora mais baixa (<https://www.publico.pt/2021/06/09/sociedade/noticia/covid19-idade-doentes->

[internados-portugal-baixou-aumento-casos-lisboa-ja-reflecte-hospitalizacoes-1965895](#))e sobre a diferente pressão que isto faz no Serviço Nacional de Saúde, o especialista afirma: “A percentagem de doença grave é menor, mas, se nós aumentarmos o número da população infectada, o número de casos de doença grave vai aumentar na mesma”.

Apesar de este crescimento ser a um ritmo menor, Hélder Mota-Filipe sublinha a importância de proteger os doentes “não covid-19” (<https://www.publico.pt/2020/10/11/politica/noticia/ha-atrasos-doentes-nao-covid-ha-sabemos-ha-sublinha-marcelo-1934774>), que já sofreram com a interrupção da actividade assistencial na altura mais crítica da pandemia.

“Nós temos de resolver o mais rapidamente possível a pandemia porque estamos a viver uma outra pandemia que não está a ser tão discutida como devia, que é a pandemia ‘não covid’, dos doentes que, por causa dos recursos estarem a ser desviados para a ‘covid’, não estão a ser tratados da forma mais adequada”, afirmou.

“Vamos ter a pandemia dos doentes ‘covid’ que ficam com sequelas e nós não sabemos ainda a gravidade das sequelas (<https://www.publico.pt/2021/06/08/sociedade/reportagem/sete-meses-infeccao-nao-disseram-adeus-covid19-1964971>), nem durante quanto tempo, e todos os outros doentes que vão sofrer por não terem tido os cuidados que deviam por causa do desvio de recursos”, acrescenta.

Questionado sobre o estudo que a Ordem dos Farmacêuticos divulgou na quinta-feira que indica que estes profissionais devem ter mais intervenção clínica, o especialista sublinha a importância do farmacêutico (<https://www.publico.pt/farmacias>)no contexto da gestão global dos cuidados de saúde e a mais valia que representa a intervenção destes profissionais.

“Se pensarmos que dentro do global do orçamento do SNS quase 20% são medicamentos e se pensarmos que praticamente metade dos doentes não tomam os medicamentos da forma adequada e que os medicamentos que estão a chegar ao mercado são cada vez mais completos, mais exigentes do ponto de vista técnico e da sua segurança e mais caros, cria-se aqui um ambiente para a necessidade de uma maior intervenção do farmacêutico”, afirmou.

O ex-presidente do Infarmed considera ainda “fundamental” que os farmacêuticos possam intervir nas suas áreas de competência “no sentido de uma melhor utilização dos medicamentos de forma a garantir melhores resultados com maior custo/efectividade”.

“O papel dos farmacêuticos nos próximos anos vai ser crucial na melhoria dos cuidados

de saúde, por um lado, e na contribuição para a sustentabilidade dos sistemas de saúde, por outro, porque há muitos milhões de euros do Orçamento do Estado envolvidos em medicamentos e a má utilização ou a não-maximização dos resultados dos medicamentos é uma má gestão de recursos”, acrescenta.